

---

## **HERNÁN CORTÉS E A RELIGIÃO NA CONQUISTA DO MÉXICO ANTIGO**

BORDIN, Reginaldo Aliçandro (UEM/PUCPR)

PEREIRA MELO, José Joaquim (Orientador/UEM)

O tema deste texto é o caráter religioso da conquista espanhola do México antigo. O objetivo principal é discutir a contribuição de Hernán Cortés (1485-1547) para a erradicação dos ritos e da religiosidade dos astecas. Cortés, na medida em que avançava pelo interior do México e conquistava cidades, procurava destruir templos religiosos e convencer as lideranças a abandonar o culto aos seus deuses e principalmente o sacrifício humano. No entanto, em face da oposição e resistência dos nativos, é provável que Cortés tenha compreendido a profundidade das crenças indígenas e chegado à conclusão de que suas estratégias não seriam eficientes, o que explicaria que seus esforços tenham se concentrado em inserir o cristianismo sistematicamente, por meio de ordens religiosas. Assim, a conquista dos astecas implicou também a atuação dos religiosos franciscanos e dominicanos que se estabeleceram no Novo Mundo, com uma dupla finalidade: a de colaborar na erradicação da religião asteca e a de converter os nativos à fé cristã.

### **1. A conquista espiritual do México antigo**

A exitosa campanha de conquista do México conduzida por Hernán Cortés, entre os anos de 1519 a 1521, não foi apenas militar, mas também espiritual. Paralelamente às ações militares, Cortés não poupou esforços para organizar a cristianização dos nativos: destruiu seus templos e imagens e substituiu-os por igrejas, nas quais implantou o culto público cristão. Para o capitão espanhol, o fato de os astecas praticarem os sacrifícios humanos era abominável e, por isso, ele atuou para erradicar a religião indígena e formar uma nova mentalidade religiosa, a cristã. É provável que, para justificar sua

guerra de conquista e compreendendo que a conversão dos nativos era essencial, ele tenha passado para a dominação por meio da força.

O cristianismo esteve presente na conquista do México pelos espanhóis, desde seus primeiros momentos. Por meio da cruz, das missas celebradas na presença dos nativos e das imagens de santos, os espanhóis exibiam sua devoção. Além de um ato de fé, a constante recorrência à religião por parte dos espanhóis pode ser considerada um verniz que garantia a legitimidade da conquista dos novos territórios e povos, cuja religiosidade em nada se assemelhava ao cristianismo. Segundo Robert Ricard, Cortés teria a intenção de forjar, à sua maneira, um feudo autônomo, teoricamente subordinado ao rei da Espanha. Isso implicava que seus súditos não poderiam permanecer pagãos e, por essa razão, paralelamente à conquista militar, empreendeu uma conquista religiosa (RICARD, 2000).

A luta de Cortés contra a religiosidade mexicana era uma justificativa da guerra para tomar *Tenochtitlán*. Em suas *Ordenanzas Militares*, escritas em 22 de dezembro de 1520, Hernán Cortés explicitou as razões da guerra que estava preparando contra os astecas: como representante da católica majestade espanhola, ele intencionava “apartar y desarraigar delas dichas idolatrías a todos los naturales destas partes, y reducirlos, o a lo menos desear su salvación, y que sean reducidos al conocimiento de Dios y de su santa fe católica” (CORTÉS, 1993, p. 165). Ou seja, segundo Cortés, a guerra era justa porque, por meio dela, ele erradicaria as crenças nativas e expandiria a doutrina cristã.

Com esses objetivos, Cortés tomou cidades e vilarejos, queimou templos e procurou eliminar as crenças com o batismo católico, que era realizado pelos religiosos<sup>1</sup> que o acompanhavam com a incumbência de instruir os nativos na nova fé. Para Cortés, erradicar a temida e complexa crença dos astecas, em cujos altares se incluía a realização do terrível sacrifício humano, não era apenas uma missão religiosa, mas também e principalmente um meio de ocidentalizar os nativos com a introdução de novos cultos e ritos e, portanto, da formação de uma nova concepção de homem.

Em suas expedições no Altiplano mexicano, o conquistador espanhol destruiu sistematicamente as imagens das divindades astecas e as substituía pelas cristãs. Essa prática era acompanhada por certa teatralidade: Cortés fazia uso de prédicas, de missas

---

<sup>1</sup> Frei Bartolomé de Olmedo (1481-1524) foi o capelão de Cortés e também Juan Díaz (1480-1549).

cuidadosamente preparadas, de reverências às imagens cristãs e de estandartes como meios para convencer os nativos a abandonar seus antigos cultos. Segundo Serge Gruzinski, ao proceder dessa forma, Cortés procurava legitimar ideologicamente a agressão e a submissão dos nativos ameríndios ao seu controle e, por extensão, ao da Coroa de Castela (GRUZINSKI, 1999).

Para Serge Gruzinski, Cortés empregou muita energia na destruição das imagens dos indígenas. Foi ele, e não os religiosos, quem iniciou a prática de destruí-los. A finalidade e a natureza das expedições passavam por esse procedimento. No entanto, ao realizá-lo, Cortés alimentava o projeto político de submeter à Coroa de Castela os ricos e poderosos estados indígenas. A prática da idolatria oferecia a Cortés dois argumentos para dominar: primeiro porque os astecas tinham abundantes recursos; segundo, porque a destruição dos ídolos legitimava ideologicamente a agressão e justificava a submissão dos mexicanos (GRUZINSKI, 1999).

Com efeito, a questão da evangelização dos indígenas pode estar relacionada à tentativa de Cortés de cooptar as lideranças astecas para submetê-las ao seu controle e ao da Espanha. Habilmente, por meio de seus intérpretes, ele falava primeiro em nome da Coroa espanhola, apresentando-se como emissário dos imperadores católicos, e depois em nome do catolicismo, em defesa da doutrina cristã. Procurava, sobretudo, explicar aos nativos os fundamentos da sua religião e, à medida que a oferta fosse recusada, recorria à prática da guerra.

El capitán le habló con el intérprete, y le dijo que él no quería ni venía a les hacer mal alguno, sino a les decir que viniesen la conocimiento de nuestra santa fe, y que supieran que teníamos por señores a los mayores príncipes del mundo, y que éstos obedecían a un mayor príncipe de él, y que lo que el dicho capitán Fernando Cortés les dijo que quería de ellos, no era otra cosa sino que los caciques e indios de aquella isla obedecieran también a vuestra altezas, y que haciéndolos así, serían muy favorecidos, y que haciendo esto no habría quien los enojase (CORTÉS, 2004, p. 14).

Hernán Cortés, em sua ação de exploração do mundo mexicano, sabia do papel que a religião exercia na manutenção da ordem social asteca. Assim, entendia que modificar a cosmovisão dos nativos resultaria na modificação das formas de organização social pré-hispânica, uma vez que a vida cultural não se separava da vida

material. Depositários da tradição, do saber, dos ritos e da autoridade política, as lideranças e sacerdotes eram os primeiros alvos da estratégia de Cortés para convencer os mexicanos a abandonar suas crenças. Ao se encontrar com *Montezuma* (1466-1520) em *Tenochtitlán*, por exemplo, Cortés tinha como finalidade persuadir o soberano a tornar-se cristão e, conseqüentemente, seu vassalo. O asteca não pareceu disposto a fazê-lo e recusou a oferta.

A atitude de *Montezuma* demonstrou a Cortés que não seria fácil atraí-lo para a fé cristã e, por isso, lhe restaria recorrer à guerra. Assim, com o pretexto religioso, a guerra contra os mexicanos ganharia legitimidade. Por outro lado, a decisão de inserir novos cultos religiosos na sociedade asteca era dificultada pela própria tradição religiosa desse povo, que não estava disposto a abandonar suas crenças. A religião, para os pré-hispânicos, não era apenas um ato de culto religioso: ela sedimentava as relações sociais e a organização tradicional da vida cotidiana.

Nesse sentido, erradicar a religião era, sobretudo, um ato de destruição das antigas formas de vida dos astecas, de destruição de suas referências, um meio de integrá-los forçosamente a um universo produtivo e cultural completamente estranho. Essa integração, no entanto, teria conseqüências. No aspecto produtivo, em razão da intensa mudança do regime de trabalho e da introdução da exploração das empresas coloniais centenas de nativos seriam lançadas na miséria. No aspecto cultural, em razão da ação das ordens mendicantes com sua política de doutrinação e nivelamento do mexicano, estes perderiam seus nexos sociais (LAFAYE, 1992).

O processo de doutrinação dos mexicanos complementaria a conquista militar, uma vez que contribuiria para a pacificação dos nativos. A justificativa de Cortés para o trabalho catequético não era apenas religiosa e moral. Sua preocupação era assegurar a estabilidade e a tranquilidade, em outras palavras, não permitir que os nativos se apropriassem de armas e se rebelassem contra os espanhóis, já que estes eram em menor número, como Cortés afirmou em uma carta endereçada ao imperador espanhol, Carlos V, em 1524: “y como sean gentes sinnúmero, y nosotros en su comparación meaja, muy brevemente nos acabarían” (CORTÉS, 2004, p. 264).

Essa tarefa, apesar de iniciada por Cortés, não foi desempenhada por ele e sim por religiosos franciscanos que desembarcaram no México em 1521 e em 1523. A eles

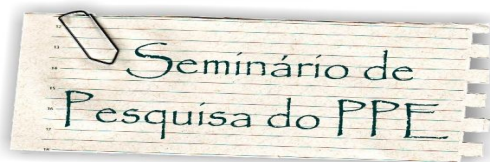
foi atribuído o trabalho de construção de escolas, igrejas, hospitais e de inclusão dos nativos na doutrina cristã. Nas escolas e igrejas eram ensinados aos mexicanos os princípios básicos do cristianismo, com o objetivo de iniciá-los na doutrina cristã e erradicar antigas práticas do culto nativo. Esse processo de doutrinação começava com o aprendizado da leitura e da escrita, de forma que eles se capacitassem para a compreensão dos textos cristãos.

No cumprimento desse objetivo, os franciscanos buscaram métodos práticos, especialmente adequados à condição de seus alunos. Para facilitar a memorização das lições e orações, usavam músicas. As solenidades e celebrações religiosas se faziam por meio de cantos, bailes e representações alegóricas. As comunidades também participavam das representações dramáticas destinadas a aclarar questões doutrinárias ou a relatar cenas bíblicas. Os evangelizadores acompanhavam suas prédicas com desenhos e ilustrações, além de usar pequenos catecismos para facilitar a aprendizagem dos indígenas. No processo de ensino catequético, os religiosos também castigavam os que resistiam ao ensino religioso (GONZALBO, 1993).

Além dessas estratégias, os franciscanos, para facilitar o entendimento da doutrina cristã e contribuir para um melhor desempenho da ação catequética, procuraram aprender a língua nativa e, com base nela, ensinar os sacramentos e orações. Em parte, essa estratégia dos franciscanos contribuiu para o relativo sucesso do trabalho catequético, já que, expressando-se na língua nativa, eles poderiam compreender o universo cultural dos astecas.

Aquí comienza un enseñamiento que se llama Doctrina Cristiana, la cual han de aprender todos los niños y mancebos hijos de los naturales desta Nueva España, donde se tratan las cosas muy necesarias de aprender y saber y de poner por obra á los cristianos para se salvar y para que sepan responder quando en alguna parte les fuere preguntado algo acerca de la cristiandad; y para que esta doctrina llegue á todas partes, y sepa de todos, es necesario que se vuelva en las demás lenguas, conviene á saber, en lengua de Mechoacán, y en los otomíes (MOLINA, 1941, p. 30).

De acordo com Christian Duverger, os franciscanos recorreram sistematicamente às línguas indígenas, mas procuraram evitar que a prática catequética se reduzisse a uma única língua, a *nahuátl*. O *nahuátl*, nas vésperas da conquista espanhola, era uma língua



empregada em grande parte do México, pois havia sido imposta pelos dirigentes do império asteca. Os franciscanos compreenderam esta situação e também a heterogeneidade étnica e linguística do México e, por isso, evitando assumir um único partido, dirigiram-se ao maior número de povos em sua língua originária. Esta estratégia revelava que a pretensão dos franciscanos era converter todos os nativos respeitando sua diversidade étnica (DUVERGER, 1993).

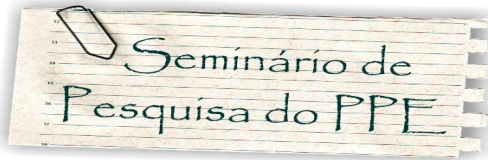
É possível pensar que a dificuldade da língua, a pouca quantidade de religiosos dispostos a entrar em território vasto e desconhecido, além da própria resistência nativa dificultavam o trabalho de ocidentalização dos astecas. Para Jacques Lafaye, o doutrinação havia sido rápido e o número de religiosos não era suficiente para assegurar o controle da ortodoxia dos indígenas, principalmente nas regiões mais afastadas da Nova Espanha. Por isso, em lugares mais remotos, as antigas crenças continuavam vivas, embora clandestinas para fugir do controle dos tribunais eclesiásticos (LAFAYE, 1992).

Dessa maneira, as ações que acompanharam a conquista militar e religiosa dos espanhóis resultaram na transformação social do México indígena e consignaram a empresa de exploração econômica que caracterizou o México colonial. Para garantir a obtenção dos recursos que o México oferecia, os conquistadores procuraram garantir a pacificação dos nativos e contaram com a colaboração dos religiosos que atuaram na educação indígena. Assim, nesse processo de mudança, Cortés implantou um processo de formação de um homem capaz de atender às novas demandas criadas com a conquista e com a colonização. No cumprimento dessa finalidade, a religião cristã deu sua contribuição.

## REFERÊNCIAS

CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México: Editorial Porrúa, 2004.

\_\_\_\_\_, *Ordenanzas de buen gobierno dadas por Hernán Cortés para los vecinos y moradores de la Nueva España*. In. MARTÍNEZ, José Luis. *Documentos cortesianos (1518-1528)*. México: Unam; Fondo de Cultura Económica, 1993, vol I.



\_\_\_\_\_, *Carta de Hernán Cortés al Emperador Carlos V: Tenxtitlan, de esta Nueva España: 15 de octubre de 1524*. In. CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México: Editorial Porrúa, 2004

DUVERGER, C. *La conversión de los indios de Nueva España: con el texto de los Coloquios de los Doce de Bernardino de Sahagún (1564)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GÓMARA, Francisco López de. *Historia de La conquista de México*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

GONZALBO, Pilar. *La educación en América y Filipinas*. In. CRIADO, Buenaventura Delgado (coord.). *Historia de la educación en España y América*. Madrid: Ediciones Santa María; Ediciones Morata, 1993.

GRUZINSKI, Serge. *La guerra de las imágenes: de Cristóbal Colón a Blade Runner (1492-2019)*. 2. Reim. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

GRUZINSKI, S.; BERNARD, C. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia: 1492-1550*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LAFAYE, J. *Quetzalcóatl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional en México*. 2. Reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MARTÍNEZ, José Luís. *Hernán Cortés*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MOLINA, Alonso de. *Doctrina Christiana*. In. CÓDICE FRANCISCANO. México, D.F.: Editorial Salvador Chavez Hayhoe, 1941.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. 5 reim. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

THOMAS, Hugh. *La conquista de México*. 7 reim. Barcelona: Planeta, 1995.